



UC/FPCE 2018

Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Comportamento Pró-Social, Empatia e Crenças de Confiança  
Interpessoal nos Pares durante a Adolescência:  
Estudo da sua relação numa amostra de Adolescentes do 3º Ciclo**

Maria de Fátima de Sousa Ramos

(fatimaramos31@gmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia,

Área de especialidade em *Psicologia da Educação,*

*Desenvolvimento e Aconselhamento,* sob a orientação

da Professora Doutora Graciete Franco Borges

## **Comportamento *Pró-Social*, *Empatia* e *Crenças de Confiança Interpessoal* nos Pares durante a Adolescência: Estudo da sua relação numa amostra de adolescentes do 3º Ciclo**

A presente investigação visou o objetivo principal de explorar a relação entre o *comportamento pró-social*, a *empatia* e as *crenças de confiança interpessoal* no colega mais próximo junto de adolescentes portugueses a frequentar o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade, tendo-se contemplado a variável sexo dos adolescentes.

A amostra abarca o seguinte número de estudantes por cada um dos anos de escolaridade: 66 do 7º ano, 65 do 8º e 50 do 9º ano – 98 do sexo masculino (54%) e 83 do sexo feminino (45.9%).

As variáveis-alvo do estudo foram recolhidas de forma colectiva no contexto da sala de aula, através dos seguintes instrumentos: *Questionário Sociobiográfico* (Adaptação portuguesa do Formulário de Dados Pessoais de Rohner, 2008); *Escala de Crenças Generalizadas de Confiança para Adolescentes – CGA-A* (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014) – adaptação portuguesa da *Generalized Trust Beliefs* (Randall e colaboradores, 2010); *Escala de Empatia Básica – BES* (Nobre-Lima, Rijo & Matias, 2011) e a versão experimental da adaptação Portuguesa da *Prosocial Behavior Scale* (Pastorelli e colaboradores, 1997), realizada para este estudo e denominada como *Escala de Comportamentos Pró-Sociais*.

Os resultados revelaram que os níveis de empatia e das crenças de confiança interpessoal nos pares se associam positivamente ao comportamento pró-social e diferenciam-se em função do sexo: os sujeitos do sexo feminino revelaram níveis mais elevados de crenças interpessoais nos pares, de altruísmo, de cooperação e de empatia do que os sujeitos do sexo masculino.

**Palavras-chave:** *Comportamento Pró-Social; Empatia; Confiança Interpessoal; Adolescência.*

**Abstract:**

This research aimed to explore the relationship between *pro-social behavior*, *empathy* and *interpersonal trust* in the closest colleague, near a sample of 181 Portuguese adolescents attending the 7th, 8th and 9<sup>th</sup> schooling years. We also consider some adolescents' biographical variables (age, sex and school year attended).

The sample includes the following number of students for each schooling year: 66 of the 7th year, 65 of the 8th year and 50 of the 9th year - 98 males (54%) and 83 females (45.9%) – cf. Table 1.

The target variables were collected collectively in the classroom context, through the following instruments: *Sociobiographic Questionnaire* - Portuguese version of Rohner's Personal Data Form (2008); *Generalized Trust Beliefs Scale for Adolescents* - CGA (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014) - Portuguese version of *Generalized Trust Beliefs* scale (Randall and collaborators, 2010); *Basic Empathy Scale* - BES (Nobre-Lima, Rijo, & Matias, 2011); Portuguese version of *Scale of Pro-Social Behaviors* (Pastorelli and collaborators, 1997), carried out for this study.

The results has confirmed that empathy and interpersonal trust levels are positively associated with pro-social behaviors, such as cooperation, altruism and kindness, confirming previous studies (Rotenberg *et al.*, 2005; Rotenberg, 2010<sub>a</sub>; Marques, 2014).

**Keywords:** Pro-social Behavior; Empathy; Interpersonal Trust; Adolescence.

## **Agradecimentos**

Primeiro de tudo gostaria de expressar a minha gratidão e agradecimento a todos aqueles que, durante este meu percurso, se cruzaram no meu caminho e o tornaram mais tranquilo e harmonioso, dando-me força para ultrapassar as dificuldades e os maus momentos. Fica aqui o meu reconhecimento e sincera gratidão para todos, que foram imensos...

De forma particular, presto os meus sinceros agradecimentos

À minha Orientadora, Professora Doutora Graciete Franco-Borges, pela paciência, disponibilidade, motivação e apoio que sempre me ofereceu,

À minha filha Carolina, pela paciência e compreensão pelas minhas ausências, falta de disponibilidade e de paciência nos momentos em que mais precisou,

Ao Alcino, por me ajudar a concretizar este percurso, pela paciência e por nunca me deixar faltar nada para que este objetivo fosse cumprido,

Ao Vasco e Helena, pela disponibilidade para tomar conta da minha filha Carolina nas vezes em que mais necessitei,

E, por fim, aos meus colegas, amigos e conhecidos, que continuaram comigo ao longo deste percurso, que resistiram à minha ausência, me motivaram, puxaram por mim nos dias de maior cansaço e desânimo e acreditaram sempre em mim e no meu potencial.

Um enorme Obrigada a todos!

## Índice

Introdução .....	1
I – Enquadramento conceptual.....	4
1.1. A Adolescência: Compreensão do construto .....	4
1.2. Comportamentos Pró-Sociais.....	6
1.3. Empatia e Comportamento <i>Pró-Social</i> .....	10
1.4. Confiança Interpessoal e Comportamento Pró-Social .....	13
1.5. Confiança Interpessoal e Empatia.....	14
II Objectivos.....	15
2.1. Definição do problema.....	15
2.2. Formulação das hipóteses .....	18
III Metodologia .....	20
3.1. Caracterização da Amostra .....	20
3.2. Instrumentos.....	21
3.2.1. Questionário Sociobiográfico.....	21
3.2.2. Crenças Generalizada de Confiança – Adolescência Tardia (CGC-A).....	22
3.2.3. Escala de Empatia Básica.....	23
3.2.4. Escala de Comportamento Pró-Social.....	23
3.2.5. Procedimentos da investigação .....	24
3.2.6. Procedimentos estatísticos .....	24
IV – Resultados .....	26
4. Análise Descritiva .....	<b>Erro! Marcador não definido.</b>
4.1. Análise Descritiva .....	26
4.2. Consistência Interna.....	28
4.3. Análise Inferencial .....	28
V - Discussão .....	35
VI - Conclusões.....	39
Bibliografia .....	42

## Introdução

O interesse pela pesquisa em torno do relacionamento interpessoal ao longo do desenvolvimento tem vindo a aumentar nos últimos anos (Machado, 2016).

Desde o nascimento que o ser humano se vai identificando com um conjunto de padrões de comportamento que permitem a interação e a adaptação ao contexto em que vive. Mesmo antes da aquisição de comportamentos mais complexos, a predisposição para a vinculação afetivo-social expressa-se através da aproximação ou busca do outro (Fogaça & Freitas, 2005).

A interação e adaptação do ser humano acarreta por vezes conflitos e desentendimentos que poderão conduzir a situações de grande violência física ou psicológica, através de atitudes agressivas intencionais e repetidas contra pessoas de diversas faixas etárias. Perante esses cenários de violência, muitos limitam-se a observar, mantendo-se neutros, sem intervir para travar ou tentar controlar as agressões que testemunham. Este tipo de comportamento ocorre tanto entre adultos como entre adolescentes, mas principalmente entre estes em situações de *bullying*, podendo conduzir a posturas desumanizadas de indiferença perante o sofrimento alheio.

Atendendo ao nível de violência e de crueldade a que assistimos nos dias de hoje, impõe-se a necessidade de sensibilizar precocemente as crianças e adolescentes para a cooperação e ajuda mútua, através da promoção do comportamento *Pró-social* e consequente fortalecimento da cooperação nos relacionamentos interpessoais, assim como o bem-estar pessoal e colectivo.

Atendendo a que o período da adolescência constitui uma

fase relevante no desenvolvimento pessoal/identitário e social do sujeito, importa compreender os precursores dos comportamentos Pró-Sociais de forma a desenvolvê-los precocemente.

A mutação constante da sociedade exige o confronto de novos desafios, cuja superação assenta no desenvolvimento de um repertório cada vez mais elaborado de competências sociais promotoras do ajustamento psicossocial e da qualidade de vida (Del Prette & Del Prette, 2005).

As competências sociais podem ser conceptualizadas como *competências de vida*, na medida em que exercem um papel relevante na adaptação aos diversos contextos através do enriquecimento do repertório das competências pessoais, que se inicia desde o nascimento e se complexifica gradualmente ao longo da vida, permitindo o ajustamento progressivo aos diversos contextos ao longo da vida (Remédios, 2010).

O período da vida definido como adolescência é considerado como uma importante etapa do desenvolvimento humano, acarretando múltiplas transformações e reorganizações biofisiológicas, afetivo-emocionais, comportamentais, cognitivas, morais e relacionais (Senna & Dessen, 2012).

A adolescência emerge a partir da puberdade, com implicações na diferenciação sexual e no desenvolvimento da capacidade para gerar filhos, sendo acompanhada de um rápido crescimento e modificações fisiológicas, psicológicas e comportamentais, desencadeadas por alterações hormonais e condicionada pela organização familiar e social. Com efeito, a fase da adolescência caracteriza-se por uma autonomização crescente, mediante o distanciamento progressivo dos comportamentos e privilégios da infância e a aquisição de novas competências associadas aos deveres e papéis do adulto.

No início da puberdade, o desenvolvimento cognitivo

possibilita o acesso ao pensamento formal, através do qual o adolescente acede à compreensão dos pensamentos e sentimentos dos que o rodeiam, permitindo-lhe responder mais adequadamente às necessidades do outro, atendendo ao desenvolvimento das estruturas cerebrais que possibilitam a assunção da perspectiva dos outros (Ferreira e colaboradores, 2016).

A empatia é uma competência que se revela logo nos primeiros anos de vida e se desenvolve progressivamente. Ao longo do desenvolvimento pessoal, a *empatia* desempenha um papel relevante nas interações sociais. Segundo Thompson, (1987), o nível de empatia associa-se à compreensão dos pensamentos e sentimentos dos outros, envolvendo processos afectivos e cognitivos. Além disso, influencia igualmente as atitudes e comportamentos pró-sociais, exercendo um papel crucial no desenvolvimento dos relacionamentos interpessoais.

Segundo Rempel, Holmes & Zanna (1985), a construção de novos relacionamentos requer a crença na fiabilidade do outro, mediante um processo recíproco de revelações/confidências de pensamentos, sentimentos e experiências de vida. O nível de confiança em si-próprio e nos outros constitui, assim, uma variável crucial da qualidade dos relacionamentos interpessoais do adolescente, condicionando o desenvolvimento dos comportamentos Pró-Sociais. Atendendo à investigação prévia no âmbito da *confiança interpessoal*, esta e a *empatia* destacam-se como variáveis significativas na formação e manutenção dos relacionamentos interpessoais (Cunha, 2016). Com efeito, a investigação prévia tem vindo a demonstrar que os adolescentes com um nível mais elevado de confiança interpessoal nos professores e nos pares revelam maiores níveis de empatia e que os sujeitos do sexo feminino revelam níveis mais elevados de



confiança interpessoal nos pares (Silva & Santos, 2011).

O presente estudo pretende verificar a associação entre as crenças de *confiança interpessoal* no colega mais próximo, o nível de *empatia* e a frequência dos comportamentos Pró-Sociais entre os adolescentes. Esta dissertação organizou-se na seguinte forma: no Capítulo I procede-se ao *Enquadramento Conceptual* através da revisão dos modelos teóricos e de dados empíricos prévios sobre o *comportamento Pró-Social*, a *empatia* e as crenças de *confiança-interpessoal*. No Capítulo II apresenta-se os principais objetivos, questões e hipóteses de estudo e, no Capítulo III, a metodologia (amostra, instrumentos, e procedimentos). No Capítulo IV apresenta-se os resultados obtidos mediante o processamento dos dados recolhidos e no Capítulo V procede-se à sua discussão. No Capítulo VI procede-se à conclusão global sobre os dados apurados, à reflexão sobre as implicações teórico-práticas e principais limitações do estudo, apontando-se algumas linhas de investigação futuras.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1.1. A Adolescência: compreensão do constructo**

O início da adolescência expressa-se através de alterações sequenciais e interligadas ao nível do desenvolvimento físico/corporal, cognitivo, emocional e social, que subjazem à construção/solidificação identitária do Eu, com implicações no relacionamento interpessoal com os outros (Reymond, 1995). Deste modo, a adolescência constitui uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, sendo marcada por profundas alterações biofisiológicas – associadas a alterações do metabolismo endócrino – e expressando-se através do desenvolvimento físico, sexual e psicológico, com implicações no

relacionamento interpessoal com os outros. Este período tem vindo a ser conceptualizado como um período de crise e/ou de transição, situando-se entre dois polos opostos: Dependência dos adultos/cuidadores *versus* independência/autonomia, caracterizando-se por comportamentos contraditórios e/ou ambivalentes, conflitos com os pais e o seu papel, assim como pela construção da identidade e consequente autonomização (Correia & Alves, 1990). A adolescência tem vindo a ser considerada como a mais importante etapa do desenvolvimento humano (Senna & Dessen, 2012) por acarretar grandes transformações e reorganizações em múltiplas dimensões (biológica, afetivo-emocional, comportamental, cognitiva, moral, e social). Com efeito, este período de desenvolvimento caracteriza-se pelo estabelecimento de novos hábitos de conduta, atendendo aos principais modelos de socialização e às oportunidades de aquisição de novas competências e recursos para lidar com as transições normativas dos contextos onde se está inserido. Embora a adolescência seja frequentemente caracterizada pelas crises e conflitos que a atravessam, estudos mais recentes têm vindo a definir esta etapa de vida em função do seu potencial para o desenvolvimento pleno do sujeito (González e colaboradores, 2009). Com efeito, alguns estudos sobre a adolescência enfatizam as dimensões positivas ou potencialidades deste período para o desenvolvimento pleno dos sujeitos. As contribuições da Psicologia Positiva apontam para os fatores protetores de diversos níveis do contexto na otimização da resposta a fatores de risco e/ou eventos stressores, designadamente através de estratégias de *Coping* e/ou resiliência (Dell’Aglío e colaboradores, 2006) e de comportamentos pró-sociais (Sapienza, 2006).

## 1.2. Comportamentos Pró-Sociais

A forma e o conteúdo dos atos e pensamentos de partilha e de ajuda ao próximo modificam-se ao longo da vida em função da presença e interação de diferentes variáveis do desenvolvimento humano, tais como a idade, características da personalidade, motivações, competências e condições situacionais (Koller & Bernardes, 1997).

Mediante uma reflexão sobre o contexto social em que vivemos, verifica-se que a agitação sociopolítica que algumas sociedades atravessam conduz à produção de sistema de valores perturbadores que veiculam desesperança e intolerância, constituindo um obstáculo ao desenvolvimento e encorajamento do comportamento pró-social juntos dos adolescentes. Deste modo, a escola pode assumir um papel fundamental no encorajamento e desenvolvimento de comportamentos Pró-Sociais junto dos alunos, contribuindo para o bem-estar da comunidade educativa e respetivas famílias, designadamente através do investimento dos professores/educadores no sucesso escolar dos alunos, visando a futura integração no contexto laboral. A literatura tem vindo a confirmar os benefícios de um relacionamento empático entre professor-aluno, que se associa a expectativas e comportamentos positivos que contribuem para um processo de ensino-aprendizagem mais gratificante (Jevtić & Jovanović, 2017).

A *Pró-Sociabilidade* designa um conjunto de comportamentos que visam favorecer os outros (sem buscar recompensas externas e/ou materiais), aumentando a probabilidade do estabelecimento de uma reciprocidade positiva e solidária nos relacionamentos interpessoais ou sociais (Roche, 2007).

Os comportamentos *pró-sociais* consistem em ações

voluntárias de suporte/apoio aos outros nas mais variadas situações. Os comportamentos *pró-sociais* expressam-se através de comportamentos de suporte/gratificação dos outros, em oposição aos comportamentos intrusivos e/ou agressivos/anti-sociais, tais como agressões, censuras, ameaças e/ou roubos (Fogaça & Freitas, 2005).

A forma como a criança/adolescente vai construindo os seus relacionamentos interpessoais tem um grande impacto sobre o seu desenvolvimento pessoal, na medida em que afecta positiva ou negativamente o seu bem-estar pessoal. Deste modo, a promoção de comportamentos positivos protegem o bem-estar pessoal e colectivo, devendo ser incentivados e/ou modelados precocemente, designadamente através do acolhimento do outro, da partilha, do respeito e da entreaajuda (Fogaça & Freitas, 2005).

Segundo Bell (2016), as crianças de todas as culturas iniciam os comportamentos pró-sociais de forma idêntica por volta dos 2 anos de idade, complexificando-os progressivamente ao longo da vida. As crianças com níveis elevados de comportamento pró-social tendem a ajustar-se mais facilmente à escola e a desenvolver diversas competências de relacionamento interpessoal positivo com os pares e professores, que se associam ao desenvolvimento das competências emocionais (capacidade para compreender e gerir eficazmente as emoções) e cognitivas (competências para a resolução de problemas) e, consequentemente, ao desempenho académico.

Segundo Girard e colaboradores (2017), o comportamento pró-social tende a diminuir com a entrada na escola. Esta constatação deve-se ao aumento da consciencialização dos interesses pessoais e da necessidade de os preservar face a eventuais ameaças por parte dos outros.

A investigação sobre o comportamento pró-social emergiu na

década de sessenta, tendo vindo a ser aprofundada até aos nossos dias, acompanhando a evolução dos contributos da Biologia, Antropologia, Sociologia, Psicologia e das Neurociências. Atendendo à constatação do conceito de *comportamento pró-social* ser muito amplo, alguns autores (Dovio e colaboradores, 2006) propuseram a sua discriminação em função de subcategorias, designadamente as seguintes: 1) *comportamento de ajuda* - ação que visa promover algum benefício ou incrementar o bem-estar do outro, mesmo que o sujeito-alvo seja desconhecido, como no caso de doações anónimas após catástrofes; 2) *altruísmo* - ação realizada em prole do outro, sem intenção de receber qualquer recompensa; e 3) *cooperação* - ação/atividade conjunta dirigida para um objetivo comum em benefício de todos. Steca, (2007) considerou que os comportamentos partilhados - doar, cuidar e/ou confortar - têm uma natureza pró-social, desde que realizados voluntariamente e em prole do outro, indo ao encontro da opinião de Bierhoff (2005), que considera aqueles comportamentos como preditores do incremento/ melhoria das condições de vida dos beneficiários. Porém, investigações recentes concluíram que os comportamentos *pró-sociais* tanto poderão ser motivados intrinsecamente - conduzindo ao encorajamento, elogio e/ou envolvimento numa tarefa, não visando a obtenção de recompensas pessoais - como ser motivados extrinsecamente - visando a obtenção de recompensas pessoais. Em todo o caso, em ambos os casos, os comportamentos pró-sociais conduziriam a resultados positivos junto dos outros e a sentimentos positivos nos agentes das acções, designadamente satisfação/bem-estar, felicidade, gratidão e/ou sentimentos de empatia para com o outro (Aknin e colaboradores, 2018).

Os dados prévios têm conduzido à criação de programas de intervenção que visam implementar os comportamentos *pró-*

*sociais* (Spinrad & Gal, 2018). Cretendio Pajares e colaboradores (2015) - avaliaram os comportamentos *pró-sociais* num grupo de adolescentes antes e após a implementação de um programa de incremento do comportamento pró-social, tendo concluído que, após o programa, os adolescentes manifestaram mais confiança nos adultos e nos pares, fazendo menor uso de mecanismos de defesa. Além disso, os adolescentes revelaram um maior reconhecimento de aspetos menos positivos em si próprios e um maior autoconhecimento. Estes dados apontam para a mais-valia do desenvolvimento do comportamento pró-social, por favorecer os recursos interpessoais dos adolescentes nos relacionamentos interpessoais. Outros autores (Caprara *et al.*, 2014) que implementaram programas de desenvolvimento do comportamento pró-social concluíram que, após o programa, os adolescentes revelavam um aumento da frequência de comportamentos de ajuda, uma redução dos comportamentos agressivos (verbais e físicos) e melhoria do desempenho académico. Deste modo, a promoção de comportamentos pró-sociais contribui para a diminuição dos comportamentos agressivos, redirecionando trajetórias de vida negativas (Caprara *et al.*, 2014), concluindo-se que o incremento do comportamento pró-social beneficia o desenvolvimento das competências interpessoais. Entretanto, diversas variáveis condicionam o comportamento e as competências *pró-sociais*, designadamente o temperamento (Aguirre Dávila, 2015), que constitui um preditor daqueles mediante uma baixa *reatividade* e elevada *autorregulação*. Além disso, o sexo revela-se igualmente pertinente, verificando-se que os meninos e as meninas diferem no percurso do desenvolvimento pró-social. Com efeito, Van Der Graaff e colaboradores (2017) concluíram que os meninos e as meninas diferem nos níveis de comportamento *pró-social*: os

meninos revelaram níveis estáveis até aos catorze anos, altura em que se verifica um incremento até aos dezassete anos, seguido de uma leve quebra; por outro lado, as meninas revelam um aumento do comportamento *pró-social* até aos dezasseis anos, que diminui ligeiramente ao longo do tempo.

Em resumo, o comportamento *pró-social* revela a tendência para se desenvolver até meados da adolescência, sendo seguido de uma ligeira quebra. Estes dados sobre o desenvolvimento do comportamento *pró-social* durante a adolescência são consonantes com a evolução da maturidade física, do desenvolvimento emocional, da autonomia e do desenvolvimento cognitivo, sendo mais precoces entre as meninas do que entre os meninos e promovendo o envolvimento em comportamentos pró-sociais.

### **1.3. Empatia e Comportamento *Pró-Social***

O comportamento *pró-social* decorre da empatia, que se caracteriza pela preocupação com as necessidades dos outros e gera comportamentos positivos de responsabilização social.

Diversas investigações convergem na verificação da associação entre os níveis de *empatia* e de *comportamento pró-social*.

Segundo o *Centre of Excellence for Early Childhood* (Bell, 2016), as crianças mais empáticas são mais propensas a adoptar comportamentos pró-sociais.

Segundo um estudo sobre a relação entre o comportamento pró-social, a empatia, a raiva e a culpa (Roberts, Strayer & Denham, 2014) - estudo 1 – verificou-se que a empatia era um forte preditor do comportamento amigável entre pares: as crianças mais empáticas revelaram uma maior compreensão social do que os seus pares menos empáticos, reflectindo-se num nível mais

elevado de comportamentos pró-sociais (Findlay, Girardi & Coplan, 2006) – estudo 2. Deste modo, os comportamentos empáticos funcionam como mediadores das consequências da tomada de perspectiva do outro na conduta *pró-social* dos adolescentes (Eisenberg, Fabes & Spinard, 2006). Ou seja, a empatia promove a conduta *Pró-Social* dos adolescentes (Farrant *et al.*, 2012).

A resposta *pró-social* adquire estabilidade entre os últimos anos de infância e o início da adolescência, período durante o qual se processa o desenvolvimento psicológico que envolve as competências de *atenção, raciocínio moral, social* e de *autorregulação* (Caprara e colaboradores, 2005). Este desenvolvimento progressivo antecipa o ajustamento pessoal e social do sujeito, protegendo-o de fatores de risco e/ou de problemas comportamentais durante a adolescência.

A amizade e a consciência - dimensão afectiva e cognitiva da empatia – assim como a autorregulação do comportamento - constituem dois preditores do comportamento *pró-social*, uma vez que a predisposição *pró-social* se associa a variáveis da personalidade da criança, da sua sensibilidade/capacidade para se sensibilizar face às necessidades dos outros, da atribuição de intenções benevolentes aos outros e da capacidade de autorregulação e de organização do comportamento pessoal (Mestre e colaboradores, 2007).

A família tem um papel fundamental no desenvolvimento global da criança e do adolescente e os condicionalismos associados influenciam o processo de socialização/educação, a prestação de cuidados, a transmissão de crenças e valores e, de um modo geral, a saúde e bem-estar dos seus membros. Apesar de os adolescentes se autonomizarem mediante a expansão dos seus espaços e horizontes, os pais continuam a ser a sua principal base



de apoio no âmbito da proteção e segurança, do percurso escolar e da saúde (Tomé e colaboradores, 2011).

Dados pertinentes referidos na literatura prendem-se com as práticas parentais. Algumas investigações relacionadas com este tópico verificaram que as práticas parentais baseadas no afecto e comunicação têm efeitos directos na compreensão empática e na conduta *pró-social*, enquanto o uso de recompensas e castigos físicos nas práticas parentais não têm efeitos directos nos níveis de empatia e de comportamento *pró-social*.

Em suma, as ações parentais afectam o desenvolvimento dos comportamentos *pró-Sociais* (Zacarías Salina e colaboradores, 2017). De acordo com alguns autores, a socialização familiar exerce um papel pertinente na manifestação de sentimentos empáticos e de comportamentos *pró-sociais*, sendo estes um elemento central dessa manifestação (Eisenberg e colaboradores, 2006). Deste modo, as ações/comportamentos parentais ocupam um papel de relevo no desenvolvimento da empatia junto das crianças (Hoffman, 1963), destacando-se o papel de modelo da parte dos pais. A título de exemplo, a forma como os pais demonstram compaixão em relação aos outros, comparando verbalmente a experiência de vida dos outros com a vida pessoal, verbalizando os seus próprios sentimentos e destacando as semelhanças entre todas as pessoas (Hoffman, 2002; Patrick & Gibbs, 2007), promove a capacidade da criança para se colocar no lugar do outro, favorecendo a empatia. Além disso, o comportamento *pró-social* precoce constitui um preditor do nível de realização académica, ou seja: a *Pró-Sociabilidade* precoce constitui um preditor de comportamentos de partilha e de consolo/ajuda dos outros, associando-se a percursos académicos mais positivos. Com efeito, as atitudes/comportamentos *pró-sociais* têm revelado um impacto positivo no sucesso académico e

no desenvolvimento pessoal, incluindo o domínio social, afectivo, moral e cognitivo (Caprara & Barbaranelli, 2000).

Além da família, os pares também assumem um papel pertinente no desenvolvimento do comportamento empático e pró-social. A participação conjunta em ações pró-sociais encoraja os colegas a adoptar comportamentos análogos, conduzindo-os a experienciar sentimentos de autonomia e de bem-estar (Park, & Shin, 2017).

#### **1.4. Confiança Interpessoal e Comportamento Pró-Social**

O comportamento Pró-Social requiere confiança em si-próprio, nas suas competências e nas pessoas-alvo da ajuda, remetendo para a pertinência da confiança interpessoal nos relacionamentos interpessoais.

A *confiança interpessoal* desempenha um papel essencial nos relacionamentos interpessoais, consistindo num constructo universal e vital para o funcionamento do sujeito e da sociedade (Rotenberg, 2010<sup>a</sup>). Trata-se de um constructo complexo e multidimensional, cuja operacionalização se tem revelado complexa (Simpson, 2007).

Segundo Rotter (1967, 1971, 1980), a escolha do comportamento a adoptar perante determinada situação específica, dependeria das seguintes variáveis: 1) a expectativa sobre o resultado a alcançar, 2) o valor do reforço esperado e 3) a semelhança percebida com outras experiências prévias. Lewis & Weigert (1985) definiram a *confiança interpessoal* como um constructo baseado nas dimensões cognitivas, afetivas e comportamentais. A dimensão 1) cognitiva remete para o conhecimento/experiência prévia sobre o objecto, 2) a dimensão afectiva para a experiência afectiva prévia ou dimensão emocional, abarcando os sentimentos e preferências; e o 3) nível

de confiança baseada no comportamento, ou conativa, assentaria nas intenções e comportamentos de ação percebidos (Silva & Santos, 2011).

Segundo McAlister (1995), a *confiança interpessoal* seria gerada a partir da experiência afectiva e cognitiva, atendendo à experiência prévia e ao conhecimento prévio do interlocutor. Deste modo, a *confiança interpessoal cognitiva* remete para as variáveis cognitivas- conhecimento prévio e “*boas razões para se confiar*”- e a *confiança interpessoal emocional* para os laços emocionais com o outro. Segundo o mesmo autor, os laços emocionais podem facultar a base para a confiança, influenciando a qualidade dos relacionamentos interpessoais.

Alguns estudos recentes consideram a *confiança interpessoal* como um importante antecedente dos comportamentos orientados para o outro (Malti *et al.*, 2016), assentes na crença da fiabilidade do outro e do valor benigno dos seus *comportamentos* em prole dos outros. As crenças abrangem os domínios socioemocional e sociocognitivo, gerando expectativas de que os outros cumprirão as promessas, manterão a confidencialidade, serão honestos e adoptarão um comportamento *pró-social* (Rotenberg, 2010<sub>a</sub>). O nível de *confiança interpessoal* nos pares difere em função do sexo, apresentando as adolescentes níveis mais elevados de *confiança interpessoal* nos pares do que os adolescentes. Assim, as adolescentes exibem mais frequentemente comportamentos de ajuda junto dos pares, designadamente no final da infância e durante a adolescência (Rotenberg *et al.*, 2005).

### **1.5. Confiança Interpessoal e Empatia**

A *confiança interpessoal* e a *empatia* têm-se revelado variáveis-chave na formação e manutenção dos relacionamentos interpessoais, constituindo a base do funcionamento da sociedade.

Segundo Cunha (2016) e atendendo a estudos prévios, a *confiança interpessoal* e a *empatia* associam-se positivamente no contexto educativo. Na sua investigação junto de adolescentes portugueses, verificou níveis mais elevados de *confiança interpessoal* nos Professores e Pares junto das adolescentes do que junto dos adolescentes. Além disso, nesse mesmo estudo também se verificou um nível mais elevado de empatia por parte das adolescentes, favorecendo o desenvolvimento de interações sociais mais gratificantes.

A adolescência acarreta transformações físicas, psicológicas e sociais associadas à autonomização dos pais/família e à aproximação entre os pares, mediante a exploração e desenvolvimento de novos relacionamentos e novas formas de conceptualizar o mundo. Deste modo, a qualidade da vida social entre os adolescentes desempenha um importante papel no seu desenvolvimento pessoal e interpessoal, mediante a interação social e/ou partilha de interesses, preocupações e sentimentos.

Segundo Rotenberg (2010<sub>a</sub>), a *confiança interpessoal* constitui a base para a formação e manutenção de relacionamentos interpessoais gratificantes, fiáveis e saudáveis. Deste modo, o presente trabalho propõe-se dar continuidade a alguns estudos prévios em torno da variável-alvo *confiança interpessoal*, tendo-se utilizado como alvo da confiança o/a colega mais próximo/a de adolescentes portugueses a frequentar o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade.

## **II Objetivos**

### **2.1. Definição do problema**

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Integrado em *Psicologia da Educação, Desenvolvimento e*

*Aconselhamento*, em busca de uma resposta para uma grande questão que tem suscitado alguma preocupação pessoal. Essa questão prende-se com a necessidade de saber por que razão algumas pessoas têm comportamentos pró-sociais - de altruísmo, cooperação, partilha, ajuda - e outros não - e de verificar a prevalência dos comportamentos pró-sociais em função do sexo dos adolescentes.

A investigação prévia (Rotenberg *et al.*, 2005; Rotenberg, 2010<sub>a</sub>; Marques, 2014) aponta para o valor preditor da Empatia e da Confiança interpessoal para o comportamento pró-social.

O desenvolvimento de ações *pró-sociais* poderá ter um papel relevante na diminuição dos comportamentos violentos, promovendo a consolidação do tecido social através de uma cultura empática, generosa e solidária (Roche, 2010).

Os comportamentos que se pautem pela partilha, o cuidado do outro, a empatia e a ajuda mútua constituem comportamentos Pró-Sociais que têm vindo a ser utilizados na mensuração da *Pró-Sociabilidade* (Caprara e colaboradores, 2005).

A génese dos comportamentos *pró-sociais* envolve complexos processos do desenvolvimento psicológico subjacentes aos comportamentos, ao raciocínio moral, à aprendizagem e à autorregulação, atendendo aos contextos familiares e sociais (Auné e colaboradores, 2014).

Os estudos portugueses prévios em torno da *confiança interpessoal* permitiram verificar que esta desempenha um papel fundamental na formação e manutenção dos relacionamentos íntimos (Santos, 2014), promovendo, durante a adolescência, o desenvolvimento e manutenção dos relacionamentos sociais da infância ao longo da vida (Marques, 2014).

O desenvolvimento psicossocial do adolescente é influenciado pelas crenças de *confiança interpessoal*, que

promovem, durante a adolescência, o desenvolvimento e manutenção da honestidade e da amizade, assim como as competências sociais que protegem o sujeito da solidão e promovem o desenvolvimento do autoconceito positivo e a inteligência criativa, favorecendo relacionamentos interpessoais gratificantes com os pares, o desempenho académico, a saúde física e o bem-estar psicológico, assim como o rendimento desportivo.

Algumas variáveis podem exercer um papel determinante na promoção/manutenção das crenças de *confiança interpessoal*, que se diferenciam em função dos alvos de confiança. A título de exemplo, os adolescentes que confiam nos seus Professores alcançam, geralmente, um melhor desempenho académico e estão mais protegidos do risco de solidão (Marques, 2014). Além disso, estes alunos são percebidos como mais educados, confiantes e seguros. Também foi constatado que aqueles que confiam mais na figura materna sentem menos rejeição materna (Marques, 2014).

Atendendo à relevância da confiança interpessoal nos relacionamentos interpessoais, aquela poderá ser considerada como um constructo universal e vital para o bom funcionamento da sociedade e dos seus membros (Marques, 2014). Outro aspecto relevante prende-se com o papel protetor dos relacionamentos precoces fiáveis, que promovem a confiança interpessoal durante a adolescência, que se associa à adaptação social (Costa, 2016).

Sampaio (2017) deu um contributo relevante para a compreensão das variáveis da confiança interpessoal, tendo verificado uma diferenciação dos níveis de confiança interpessoal e do autoconceito em função do sexo: as raparigas tendem a confiar mais nos outros do que os rapazes, sendo percebidas como mais motivadas e trabalhadoras comparativamente aos rapazes.

Em suma, a investigação visa explorar a relação entre o

comportamento *pró-social*, a *empatia* e as crenças de *confiança interpessoal* no colega mais próximo, junto de adolescentes portugueses a frequentar o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade, atendendo à variável sociobiográfica sexo.

Espera-se verificar que os níveis globais de *Empatia* e das crenças de *Confiança interpessoal* dos adolescentes nos pares sejam preditores do comportamento *pró-social*.

## 2.2. Formulação das hipóteses

Atendendo aos dados da investigação prévia revista, sabe-se que as raparigas são mais propensas a investirem em relacionamentos interpessoais a longo prazo e a demonstrarem maior envolvimento e preocupação com as dificuldades dos outros, ou seja, a revelar maiores níveis de comportamento *pró-social* (Auné *et al.*, 2014). Além disso, as crenças de *confiança interpessoal* nos pares também diferem em função do sexo: as raparigas demonstram níveis mais elevados de crenças de *confiança interpessoal* nos pares do que os rapazes, o que as leva a demonstrar maior cooperação e a envolverem-se mais em comportamentos de ajuda.

Sendo a *empatia* um dos principais antecedentes do comportamento *pró-social*, atendendo às suas características subjacentes – compreensão e preocupação com o outro e/ou próximo - verifica-se que os rapazes e raparigas mais empáticos evidenciam uma maior probabilidade de manifestar comportamentos *pró-sociais* (Rotenberg *et al.*, 2005). Tanto a *empatia*, como as crenças de *confiança interpessoal* nos pares são predictoras de comportamentos *pró-sociais* (Rotenberg *et al.*, 2005; Rotenberg, 2010<sub>a</sub>; Marques, 2014).

Como tal, a presente investigação foi planeada tendo em conta os objetivos principais de explorar a diferenciação das

variáveis-alvo em função do sexo e o valor preditor da empatia e das crenças de confiança interpessoal relativamente ao comportamento pró-social.

As principais hipóteses da presente investigação são as seguintes:

**Hipótese H1:** Atendendo à verificação prévia de que as adolescentes são mais propensas a manifestar comportamentos *pró-sociais* do que os rapazes (Poletto e colaboradores, 2009), pretende-se verificar a diferenciação das seguintes variáveis em função do *sexo*: **H1a)** Comportamento *Pró-Social*; **H1b)** *Empatia*; e **H1c)** Nível de *Confiança Interpessoal* nos pares.

**Hipótese H2:** Atendendo a que as crenças de confiança interpessoal nos pares constituem um dos principais motivadores do comportamento *pró-social* (Malti *et al.*, 2016), espera-se que os níveis das *crenças de confiança interpessoal nos pares* se correlacionem positivamente com os níveis globais de comportamentos *pró-sociais* em função do sexo.

**Hipótese H3:** Atendendo a dados prévios que revelam que as crianças mais empáticas são mais propensas a adoptar comportamentos *pró-sociais* (Bell, 2016), espera-se verificar uma correlação positiva entre os níveis globais de *empatia* e os comportamentos *pró-sociais*:

**H3a):** Atendendo a que os níveis globais de *empatia* e os comportamentos *pró-sociais* se correlacionam positivamente (Van Der Graaff e colaboradores, 2017), espera-se verificar essa correlação junto dos adolescentes do sexo feminino. **H3b):** Atendendo a que os níveis globais de *empatia* e os comportamentos *pró-sociais* se correlacionam positivamente em estudos prévios (Aknin e colaboradores, 2018), espera-se que essa



correlação se verifique entre os adolescentes do sexo masculino.

**Hipótese H4:** Atendendo a que adolescentes mais empáticos e com maior confiança nos seus pares têm revelado níveis mais elevados de comportamento pró-social (Roberts, Strayer & Denham, 2014), espera-se que a *empatia* e as crenças de *confiança interpessoal* sejam *preditoras* dos comportamentos *pró-sociais* em função do género.

### III Metodologia

#### 3.1. Caracterização da Amostra

A amostra da presente investigação inclui 181 sujeitos a frequentar o 7º, 8º e 9º ano de escolaridade durante o ano letivo 2017/2018 no Agrupamento de Escola Rainha Santa Isabel – Eiras no distrito de Coimbra, com idades compreendidas entre os 11 e os 19 anos, sendo que a maior percentagem corresponde à idade de 14 anos; (M= 14 anos; DP= 1,26; 32%) (cf. Quadro 1). A amostra é constituída por 98 sujeitos do sexo masculino (54,1%) e 83 do sexo feminino (45,9%) - cf. Quadro 2 - e a maioria dos sujeitos frequenta o 7º ano de escolaridade (36,5%), seguidos pelos alunos do 8º ano (35,9%) e do 9º ano (27,6%) - cf. Quadro 3.

**Quadro 1. Distribuição da amostra por idade**

Idade	Amostra Total
Média	13,80
DP	1,264
Mínimo	11
Máximo	19

**Quadro 2. Distribuição da amostra em função do sexo**

<b>Sexo</b>	<b>N</b>	<b>Percentagem%</b>
Masculino	98	54,1%
Feminino	83	45,9%
Total:	181	100%

**Quadro 3. Distribuição da amostra por ano escolar**

<b>Ano Escolar</b>	<b>N</b>	<b>Percentagem%</b>
7º	66	36,5%
8º	65	35,9%
9º	50	27,6%
Total:	181	100%

### 3.2. Instrumentos

Na presente investigação optou-se por questionários que avaliam as variáveis-alvo, designadamente os seguintes: *Questionário Sociobiográfico* (cf. Anexo III); *Escala de Crenças Generalizadas de Confiança para Adolescentes – CGC* (Vale-Dias & Franco – Borges, 2014) – adaptação portuguesa da *Generalized Trust Beliefs* (cf. Anexo VI); *Escala de Empatia Básica – BES* (Nobre-Lima, Rijo, & Matias, 2011) – adaptação portuguesa (cf. Anexo V); Versão experimental da adaptação Portuguesa da *Prosocial Behavior Scale – PBS* (Pastorelli e colaboradores, 1997) - cf. Anexo IV.

#### 3.2.1. Questionário Sociobiográfico

O questionário Sociobiográfico utilizado na presente investigação foi seleccionado de acordo com o propósito da mesma e as características da amostra, tendo-se optado pela versão portuguesa do *Formulário de dados Pessoais* de Rohner

(2008), já utilizado em investigações prévias. Este questionário abarca 11 questões relativas às características dos sujeitos (sexo, idade, nacionalidade e ano de escolaridade) e à caracterização da família dos sujeitos atual dos pais (a nível de escolaridade, nacionalidade e profissão) (cf. Anexo III).

### **3.2.2. Crenças Generalizada de Confiança – Adolescência Tardia (CGC-A)**

Nesta investigação foi utilizado a *Escala de Crenças Generalizadas de Confiança para a Adolescência tardia – CGC* - correspondendo à adaptação portuguesa experimental (Vale-Dias & Franco-Borges, 2014) da *Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents-GTB-LA*, da autoria de Randall *et. al.*, (2010). Esta escala é composta por 30 itens que avaliam as crenças generalizadas de confiança interpessoal dos adolescentes em cinco alvos diferenciados (mãe, professor, pares e par amoroso), atendendo às três bases de confiança - *fidelidade, confiança emocional e honestidade* (Randall *et. al.*, 2010). Em cada item é pedido ao adolescente que se imagine na situação descrita e que envolva um alvo de confiança e que responda de acordo com o que faria, atendendo às opções de resposta disponibilizadas através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (*1- Nada provável, 2- Pouco provável, 3- Não sei, 4- É provável, 5- Muito provável*). A cotação final da confiança interpessoal nos alvos varia entre o mínimo de 30 e o máximo de 150 pontos. A escala tem duas versões idênticas (feminina e masculina), cuja redacção dos itens difere em função do sexo do sujeito-alvo (Rotenberg *et al.*, 2005; Randall *et al.*, 2010). As qualidades psicométricas da escala original têm revelado uma boa consistência interna, cujo valor do alfa de Cronbach tem oscilado entre 0.76 para a escala total, 0.67 para a base de *fidelidade*, 0.65 para a base *honestidade* e 0.62 para

a base *confiança emocional* (Rotenberg *et al.*, 2005).

### 3.2.3. Escala de Empatia Básica

Nesta investigação foi também utilizada a adaptação Portuguesa (Nobre Lima *et al.* (2011) da *Basic Empathy Scale – BES* (Jolliffe & Farrington, 2006). Esta escala destina-se a adolescentes, tendo o objetivo de avaliar a capacidade de resposta empática dos adolescentes, atendendo à empatia afectiva e à empatia cognitiva. A escala abarca 16 itens, em que 8 itens avaliam a empatia cognitiva (itens 3, 4, 7, 8, 10, 12, 13 e 16) e os restantes 8 itens avaliam a empatia afectiva (itens 1, 2, 5, 6, 9, 11, 14 e 15). A pontuação dos itens obedecem a uma escala de *Likert* de 5 pontos (*Discordo totalmente, Discordo pouco, Nem concordo nem discordo, concordo pouco e concordo totalmente*). As qualidades psicométricas da adaptação portuguesa são boas, apresentando uma consistência interna cujos valores do coeficiente de alfa de Cronbach para o total da escala variam entre .80 e .70 para a dimensão da empatia afetiva e .80 para a dimensão da empatia cognitiva (Nobre Lima, Rijo & Matias, 2012).

### 3.2.4. Escala de Comportamento Pró-Social

Nesta investigação foi igualmente utilizada a *Pró-social Behavior Scale – PBS*, que se destina a adolescentes entre os 11 e os 15 anos, sendo composta por 13 itens (Pastorelli e colaboradores, 1997). Os itens são cotados segundo uma escala de *Likert* de 3 pontos (*1 - Nunca, 2 – às vezes, 3 – Frequentemente*). A pontuação total dos itens resulta do cálculo da média de 9 itens focados no comportamento *Pró-Social*, atendendo a que 4 itens são distractores (itens 3, 6, 8 e 11). As qualidades psicométricas da escala original são boas, apresentando uma boa consistência

interna, sendo que os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para o total da escala de .74 (Caprara & Pastorelli, 1993).

### 3.2.5. Procedimentos da investigação

Para realizar esta investigação foi necessário recolher uma amostra de alunos matriculados no 7º, 8º e 9º ano de escolaridade do Agrupamento de Escolas Rainha Santa Isabel, sediado em Eiras, Coimbra. A recolha foi efectuada entre os meses de Abril e Maio de 2018, mediante a autorização prévia do Director do Agrupamento (cf. Anexo II) e a recolha do documento de consentimento informado distribuído e assinado pelos pais e/ou encarregados de educação (cf. Anexo I) a autorizarem a participação dos filhos na recolha de dados, tendo sido dada a garantia de confidencialidade. Deste modo, a administração dos instrumentos apenas se realizou junto dos alunos que entregaram as respetivas autorizações da família. A ordem de aplicação dos instrumentos foi a seguinte: *Questionário Sociobiográfico*, *Prosocial Behavior Scale – PBS*, *Basic Empathy Scale - BES* e *Escala de Crenças Generalizadas de Confiança interpessoal para Adolescentes – CGC-A*.

### 3.2.6. Procedimentos estatísticos

Para efectuar a análise dos dados recolhidos, recorreu-se ao programa *SPSS- Statistical Package of Social Science – versão 22* para Windows - com a finalidade de analisar a associação entre as variáveis-alvo do estudo e se infirmar ou validar as hipóteses previamente formuladas. Numa primeira fase procedeu-se à *limpeza* da base, mediante a verificação de eventuais erros de inserção e o processamento dos *missings values* segundo as regras definidas por Bryman e Cramer (1993), que recomendam não ultrapassar *missings values* superiores a 10% por indivíduo. De

seguida, procedeu-se à análise descritiva da amostra, mediante o cálculo das *Medidas de Tendência Central* (média), *de Dispersão* (desvio-padrão) e *de Frequência*, atendendo às *Frequências Absolutas* (N) e *Relativas* (%) e ao *Valor Máximo* ( $X_{máx.}$ ) e *Mínimo* ( $X_{min.}$ ), atendendo aos objetivos da investigação.

Foram igualmente efectuadas análises e cálculos dos *totais* das diferentes variáveis/dimensões. Para a *CGC-A (Crenças Generalizadas de Confiança – Adolescência Tardia)* procedeu-se ao cálculo atendendo ao alvo de confiança (Pares) e às suas dimensões - Confiança Emocional, Fidelidade e Honestidade. Relativamente à *Basic Empathy Scale – BES* - foram analisadas as dimensões da Empatia Afectiva e Cognitiva, mediante a inversão prévia dos itens 1,4,5,6,11,15 e 16.

Testou-se, então, a normalidade das distribuições da amostra para cada escala, com a finalidade de seleccionar o tipo de teste mais adequado (paramétrico/não-paramétrico), tendo-se utilizado o Teste de *Kolmogorov-Smirnov*, que permitiu verificar que os dados se diferenciavam em função do nível de significância convencional ( $p < .05$ ), (K-S,  $p = .000$ ), significando que a distribuição das variáveis em estudo não obedeciam a uma distribuição normal. No entanto, apesar de a amostra violar os pressupostos de normalidade, optou-se por testes paramétricos devido ao seu tamanho - 181 sujeitos. Esta decisão fundamentou-se no Teorema do Limite Central, que postula que as amostras com dimensões superiores a 25/30 (amostra de dimensão razoável) assumam uma distribuição normal (Marôco, 2014). Foram calculados os valores de *Consistência Interna* através do cálculo do *Alpha de Cronbach* para assegurar a fiabilidade dos resultados das escalas. Segundo a classificação de Patrício & Pereira (2016), um alfa de Cronbach com valor inferior a 0.50 é inaceitável, entre 0.50 e 0.60 é fraco, de 0.60 a 0.70 é aceitável,

de 0,70 a 0,90 é bom e de 0.90 a 1 muito bom. Procedeu-se, então, à análise das escalas de *Confiança Interpessoal* e de cada um dos factores – *Fidelidade*, *Confiança Emocional* e *Honestidade* - da escala de *Empatia* e cada um dos factores – *Empatia Afetiva* e *Empatia Cognitiva* – e, por último, da escala de comportamento *Pró-Social*. Procedeu-se à análise da associação (direção e intensidade) das variáveis intervalares através do *Coefficiente de Correlação de Pearson*. Segundo a classificação de Marôco (2014), um coeficiente de Pearson de valor inferior a 0.25 é fraco, entre 0.25 e 0.50 é moderado, entre 0.50 e 0.75 é forte e superior a 0.75 é muito forte.

Para analisar as diferenças significativas entre grupos utilizou-se o teste *t para amostras independentes*. Este teste permitiu testar se as médias dos grupos eram significativamente diferentes.

Para verificar se a *empatia* e as crenças de *confiança interpessoal* eram preditoras do comportamento *pró-social* utilizou-se a *Regressão Linear Múltipla*, com o objetivo de confirmar se as variáveis independentes prediziam a variável dependente.

## IV – Resultados

### 4.1. Análise Descritiva

Relativamente à Análise Descritiva do presente estudo, verificou-se que a média dos níveis totais das crenças de *Confiança Interpessoal* era de 98,17 (DP=13,073), variando a pontuação entre 62 (mínimo) e 148 (máximo). Em relação às bases da *Confiança*, o factor *fidelidade* obteve uma média de 38,93 (DP=6,313), variando a pontuação entre 24 (mínimo) e 60 (máximo), o fator *Confiança Emocional* obteve uma média de

33,01 (DP=5,126), variando a pontuação entre 16 (mínimo) e 49 (máximo) e o fator *Honestidade* obteve uma média 26,23 (DP=4,709), variando a pontuação entre 8 (mínimo) e 40 (máximo). Quanto aos alvos, a *Confiança nos Pares* obteve uma média 18,75 (DP=3,448), variando a pontuação entre 11 (mínimo) e 30 (máximo). Quanto à *Empatia*, verificou-se que a média total da *Empatia* é de 60,54 (DP=8,943), variando a pontuação entre 41 (mínimo) e 80 (máximo). O factor *Empatia Cognitiva* obteve a média de 32,33 (DP=4,94), variando a pontuação entre 21 (mínimo) e 40 (máximo) e o fator *Empatia Afectiva* obteve uma média de 28,20 (DP=6,10), variando a pontuação entre 9 (mínimo) e 40 (máximo). Por fim, a média total do *Comportamento Pró-Social* foi de 29,55 (DP=2,62) variando a pontuação entre 21 (mínimo) e 35 (máximo) - cf. Quadro 4.

**Quadro 4: Médias e Desvios-Padrão das Variáveis em estudo (CGC-A, BES e PBS)**

	Média	DP	Máximo	Mínimo
<b>Crenças de Confiança Interpessoal</b>				
<b>Total</b>	98,17	13,07	148	62
Fidelidade	38,93	6,31	60	24
Confiança Emocional	33,01	5,12	49	16
Honestidade	26,23	4,70	40	8
Pares	18,75	3,44	30	11
<b>Empatia</b>				
<b>Total</b>	60,54	8,94	80	41
Empatia Cognitiva	32,33	4,94	40	21
Empatia Afectiva	28,20	6,10	40	9
<b>Comportamento Pró Social</b>				
<b>Total</b>	29,95	2,62	35	21



## 4.2. Consistência Interna

Os Instrumentos de avaliação utilizados neste estudo apresentam bons níveis de consistência interna para os scores globais, atendendo aos valores *Alfa de Cronbach*: 0,79 (Bom) para a escala de *Crenças Generalizadas de Confiança para Adolescentes – CGC-A*; 0,68 (Aceitável) para a escala de *Comportamento Pró - Social – PBE*; e 0,77 (Bom) para a escala de *Empatia Básica – BES*. De acordo com Patrício & Pereira (2016), estes valores correspondem a bons coeficientes de consistência interna (cf. Quadro 5).

**Quadro 5: Consistência interna CGC-A, PBE e BES**

Dimensões	Alfa de Cronbach	(Rotenberg, 2005)
CGC – Confiança Emocional	.54	.62
CGC - Fidelidade	.66	.67
CGC - Honestidade	.59	.65
CGC - Total	.79	.76
(Caprara & Pastorelli, 1993)		
PBE-Total	.68	.77
(Nobre Lima.Rijo & Matias, 2011)		
BES - Cognitiva	.75	.80
BES - Afetiva	.73	.71
BES - Total	.77	.80

## 4.3. Análise Inferencial

**Hipótese H<sub>1</sub>: Existem diferenças significativas em função do sexo relativamente à H<sub>1a</sub>) Comportamento *Pró-Social*, à H<sub>1b</sub>) Empatia e à H<sub>1c</sub>) Crenças de Confiança Interpessoal nos**

**pares.**

Através da análise dos resultados obtidos através do teste *T para amostra independentes* para a variável comportamento *pró-social*, verificou-se diferenças estatisticamente significativas ( $t_{(179)}=-4,169, p=.001$ ) entre as pontuações do sexo masculino ( $M=29,23, DP=2,457$ ) e do sexo feminino ( $M=30,80, DP=2,570$ ) - cf. Quadro 6.

O valor da probabilidade ( $p<.05$ ) permitiu-nos verificar que as hipóteses em estudo ( $H_1$ ) foram confirmadas.

**Quadro 6: Estatística do teste *T* para amostras independentes para a variável comportamento *Pró-Social***

	Sexo	N	Média	DP	<i>t</i>	df	Sig. (2 Extrem idades)
Comportamento Pró-Social	Masculino	98	29,23	2,46	-4,169	179	<b>.001**</b>
	Feminino	83	30,80	2,57			

**$H_{1b}$ ) na *Empatia*:**

Através da análise dos resultados obtidos através do teste *T para amostra independentes* para a variável *empatia*, verificou-se diferenças estatisticamente significativas ( $t_{(179)}=-8,152, p=.001$ ) entre as pontuações do sexo masculino ( $M=56,27, DP=7,324$ ) e do sexo feminino ( $M=65,58, DP=8,035$ ) (cf. Quadro 7).

O valor da probabilidade ( $p<.05$ ) permitiu verificar que a hipótese em estudo ( $H_{1b}$ ) foi confirmada.

**Quadro 7: Estatística do teste *T* para amostras independentes para a variável *Empatia***

	Sexo	N	Média	DP	<i>t</i>	df	Sig. (2 Extremidades)
Empatia	Masculino	98	56,27	7,324	-4,169	179	,001**
	Feminino	83	65,58	2,57			

\*\* A correlação é significativa ( $p < 0.05$ )

**H<sub>1b</sub>**) nas crenças de *Confiança Interpessoal* nos pares:

Através da análise dos resultados obtidos através do teste *T para amostra independentes*, atendendo à variável crenças de *confiança interpessoal* nos pares, verificou-se a ausência de diferenças estatisticamente significativas relativamente ao sexo ( $t_{(179)} = ,514$ ,  $p = ,608$ ), atendendo às pontuações obtidas junto do sexo masculino ( $M = 18,87$ ,  $DP = 3,707$ ) e feminino ( $M = 18,60$ ,  $DP = 3,131$ ) - cf. Quadro 8 - infirmo a hipótese H<sub>1b</sub>.

O valor da probabilidade ( $p > .05$ ) permitiu verificar que a hipótese em estudo (H<sub>1b</sub>) não foi confirmada.

**Quadro 8: Estatística do teste *T* para amostras independentes para a variável crenças de *Confiança Interpessoal* nos pares**

	Sexo	N	Média	DP	<i>t</i>	df	Sig. (2 Extremidades)
Crenças de Confiança Interpessoal nos pares	Masculino	98	18,87	3,707	,514	179	,608
	Feminino	83	18,60	3,131			

O valor da probabilidade ( $p > .05$ ) permitiu aceitar parcialmente a hipótese (H<sub>1</sub>), uma vez que se verificaram

diferenças significativas relacionadas com o género no comportamento pró-social e empatia.

**Hipótese H<sub>2</sub>: Existe correlação positiva entre os níveis totais de crenças de *Confiança Interpessoal* nos pares e os níveis totais de comportamentos *Pró-Sociais* em função do sexo:**

#### **H<sub>2a</sub>) sexo Feminino**

Após análise da correlação entre os níveis totais de crenças de confiança interpessoal nos pares e os níveis totais dos comportamentos pró-sociais relativamente ao sexo feminino, calculada através do coeficiente de *Correlação de Pearson*, verifica-se uma correlação parcialmente significativa entre as crenças de confiança interpessoal nos pares e os comportamentos pró-sociais dos sujeitos do sexo feminino ( $r = .23$ ,  $p = .03$  (cf. Quadro 9).

O valor da probabilidade ( $p > .05$ ) permitiu aceitar a hipótese em estudo (H<sub>2a</sub>).

#### **H<sub>2b</sub>) sexo Masculino**

Após análise da correlação entre os níveis totais das crenças de confiança interpessoal nos pares e dos comportamentos pró-sociais dos sujeitos do sexo masculino, calculada através do coeficiente de *Correlação de Pearson*, podemos concluir pela inexistência de correlação significativa entre crenças de confiança interpessoal nos pares e os comportamentos pró-sociais do sexo masculino ( $r = .03$ ,  $p = .72$ ) (cf. Quadro 9).

O valor da probabilidade sustenta a rejeição da hipótese (H<sub>2b</sub>).

Os resultados permitem apoiar/verificar parcialmente a

hipótese em estudo H<sub>2</sub>.

**Quadro 9: Coeficientes de correlação entre resultados na CGC-A e na PBE em função do sexo**

Crenças de Confiança Interpessoal nos pares		
	<i>r</i>	<i>Sig.</i>
Masculino	.03	.723
Feminino	.23	.031**

\*\* A correlação é significativa ( $p < 0.05$ )

**Hipótese H<sub>3</sub>: Existe correlação positiva significativa entre os níveis totais de *Empatia* e os níveis totais de comportamentos *Pró-Sociais* relativamente ao sexo: H<sub>3a</sub>) sexo feminino, H<sub>3b</sub>) sexo masculino**

#### **H<sub>3a</sub>) sexo Feminino**

Após análise da correlação entre os níveis totais de empatia e dos comportamentos pró-sociais, calculada através do coeficiente de *Correlação de Pearson*, concluiu-se que se verifica uma correlação significativa entre empatia e comportamentos pró-sociais entre os sujeitos do sexo feminino ( $r = .237$ ,  $p = .031$ ) (cf. Quadro 10).

O valor da probabilidade ( $p > .05$ ) permitiu aceitar a hipótese em estudo (H<sub>3a</sub>).

#### **H<sub>3b</sub>) sexo Masculino**

Após análise da correlação entre os níveis totais de Empatia e dos comportamentos pró-sociais, calculada através do coeficiente de *Correlação de Pearson*, concluiu-se que se verifica uma correlação significativa entre a empatia e os comportamentos pró-sociais do sexo masculino ( $r = .23$ ,  $p = .02$ ) (cf. Quadro 10).

O valor da probabilidade ( $p > .05$ ) permitiu aceitar a hipótese

em estudo ( $H_{3b}$ ).

**Quadro 10: Coeficientes de correlação entre resultados na BES e na PBE em função do sexo**

Empatia		
	<i>r</i>	<i>Sig.</i>
Masculino	.23	.020**
Feminino	.29	.001**

\*\* A correlação é significativa ( $p < 0.05$ )

Estes resultados permitem apoiar/verificar a hipótese  $H_3$ .

**Hipótese  $H_4$ : A *Empatia* e as crenças de *Confiança Interpessoal* nos pares são *preditoras* dos comportamentos *Pró-Sociais* em função do sexo.**

Para explorar se a empatia e as crenças de confiança interpessoal nos pares predizem os comportamentos pró-sociais, utilizou-se a *Regressão Linear Múltipla*, através da qual a empatia e as crenças de confiança interpessoal nos pares seriam as variáveis independentes (preditoras) e o comportamento pró-social a variável dependente.

Procedeu-se à criação de duas variáveis moderadoras para verificar se estas reforçam ou inibem a ação das variáveis independentes.

Após análise do coeficiente de regressão múltipla das variáveis moderadoras, foi possível concluir que não existe uma interação significativa entre o sexo dos sujeitos e a empatia ( $p=0.771$ ), o mesmo se tendo verificado relativamente às crenças de confiança interpessoal nos pares ( $p=0.145$ ) - cf. Quadro 11.

Deste modo, relação entre o sexo dos sujeitos e as variáveis independentes é análoga entre os rapazes e as raparigas.

**Quadro 11: Regressão linear Múltipla das variáveis moderadoras Sex\*BES e Sex\* CGC\_A Pares**

	Sig.	t	$\beta$
Sex *Bes	0,489	-0,694	-0,282
	Sig.	t	$\beta$
Sex*CGC_A Pares	0,233	1,196	0,417

Após análise dos restantes resultados podemos concluir que o modelo é estatisticamente significativo ( $F_{(4,176)}=9,330$ ;  $p=0,001$ ) e que 18% ( $R^2=0.175$ ) da variabilidade do comportamento pró-social é explicada pela empatia e pelas crenças de confiança interpessoal, sendo os restantes 82% atribuíveis a outros fatores. As variáveis têm uma associação moderada ( $r= 0,418$ ) (cf. Quadro 12).

A *empatia* é preditora do comportamento pró-social ( $\beta=0,391$ ;  $t=2,373$ ;  $p=0,019$ ), o mesmo não se tendo verificado relativamente às crenças de *confiança interpessoal* nos pares ( $\beta=-0,064$ ;  $t=- 0,374$ ;  $p=0,709$ ) (cf. Quadro 13).

Assim, podemos concluir que a empatia prediz o comportamento pró-social, confirmando parcialmente a Hipótese H<sub>4</sub>.

**Quadro 12: Regressão linear Múltipla do modelo**

	<b>r</b>	<b>R<sup>2</sup></b>	<b>Sig.</b>	<b>F<sub>(4,176)</sub></b>
<b>Comportamento Pró-Social</b>	0,418	0,175	<b>0,001**</b>	9,330

**Quadro 13: Regressão linear Múltipla dos coeficientes**

	<b>Sig.</b>	<b>t</b>	<b>β</b>
<b>Empatia</b>	<b>0,019**</b>	2,373	0,391
<b>Crenças de Confiança Interpessoal nos pares</b>	0,709	0,374	0,064

<sup>1</sup> Quando no IBM SPSS surge o valor significância de .000, este não deve ser relatado como tal, porque o valor de significância não é zero mas sim tão reduzido que três casas decimais não são suficientes para nos mostrar a sua grandeza. Assim, nestes casos, é mais correto afirmar que o nível de significância é inferior a .001 (Martins, 2011).

<sup>2\*\*</sup> A correlação é significativa ( $p < 0.05$ )

## V - Discussão

Esta investigação teve como objetivo principal explorar a relação entre o *Comportamento Pró-Social*, a *Empatia* e as crenças de *Confiança Interpessoal* no colega mais próximo. Procurou-se contribuir para o estudo dos comportamentos *Pró-Sociais* através da elaboração da versão experimental da adaptação Portuguesa da *Prosocial Behavior Scale - PBS* (Pastorelli e colaboradores, 1997), realizada propositadamente para este estudo, assim como para o aprofundamento do estudo da *confiança interpessoal*.

O estudo teve como população alvo uma amostra de 181 alunos (98 masculinos e 83 femininos) do 7º, 8º e 9º anos de escolaridade, com idades compreendidas entre os 11 e 19 anos de idade. Foi analisada a distribuição da amostra com o teste *Kolmogorov-Smirnov*, tendo-se verificado que as variáveis não obedeciam a uma distribuição normal ( $p > .05$ ) – embora os



desvios à normalidade não sejam acentuados, de acordo com a análise dos índices de assimetria e curtose). Apesar de a amostra violar os pressupostos de normalidade, optou-se por testes paramétricos, atendendo ao tamanho da amostra ( $n = 181$ ). Ao nível da estimativa da fiabilidade das escalas, analisada em função do *Alfa de Cronbach*, obteve-se bons resultados ( $\alpha > .68$ ). A verificação das hipóteses propostas teve como base a revisão de estudos prévios, a análise das diferenças entre grupos mediante o teste *t para amostras independentes*, a análise da associação entre as variáveis dependentes e independentes através do coeficiente de *correlação de Pearson* e a análise da função preditora das variáveis independentes através da *regressão linear múltipla*.

A *primeira hipótese (H<sub>1</sub>)* teve como objetivo verificar a diferenciação em função do sexo relativamente ao comportamento pró-social (H<sub>1a</sub>), aos níveis de empatia (H<sub>1b</sub>) e de crenças de confiança interpessoal (H<sub>1c</sub>).

Poletto e colaboradores (2009) concluíram que as raparigas são mais propensas a investirem nos relacionamentos interpessoais a longo prazo e a envolverem-se mais nas dificuldades dos outros. Já os rapazes têm tendência para ajudar o próximo em ações mais urgentes e com necessidades mais claras e definidas (Auné *et al.*, 2014). As variáveis biofisiológicas estão relacionadas com essas diferenças, de acordo com Cáceda *et al.* (2014), assim como as hormonas sexuais e as estruturas cerebrais específicas influenciam a diferenciação dos comportamentos em função do sexo relativamente aos comportamentos Pró-Sociais.

Após a revisão da literatura era expectável a verificação de diferenças significativas em função do sexo relativamente ao *comportamento pró-social*, ao nível global de *empatia* e às crenças de confiança interpessoal nos pares.

Após análise dos resultados obtidos calculados através do

teste *t* para amostras independentes, atendendo à primeira hipótese (**H<sub>1</sub>**), verificou-se diferenças estatisticamente significativas em função do sexo relativamente ao comportamento *pró-social* ( $t_{(179)} = -4,169, p=.001$ ). As raparigas revelaram níveis mais elevados de comportamento *pró-social* (M=30.80, DP=2.570) em comparação com os rapazes (M=29.23, DP=2.457) confirmando, assim, a hipótese **H<sub>1a</sub>**.

Relativamente à empatia, também se constataram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo ( $t_{(179)} = -8,152, p=.001$ ), tendo as raparigas apresentado níveis mais elevados de empatia (M=65,58, DP=8,035), comparativamente aos rapazes (M=56,27, DP=7,324), confirmando a hipótese (**H<sub>1b</sub>**). Estes valores são concordantes com os resultados de estudos prévios (Sampaio, Camino & Roazzi, 2009; Cecconello & Koller, 2000; Fernandes & Oliveira Monteiro, 2017; Wilson & Carroll, 1991).

Atendendo às crenças de *confiança interpessoal* nos pares, não se verificou diferenças estatisticamente significativas entre rapazes e raparigas ( $t_{(179)} = ,514, p=,608$ ), não se tendo confirmado a hipótese **H<sub>1c</sub>**. Estes dados não confirmam os resultados da investigação prévia (Rotenberg *et al.*, 2005).

Deste modo, podemos concluir que as raparigas revelaram níveis mais elevados de empatia e de comportamentos pró-sociais (altruísmo, cooperação e amabilidade) do que os rapazes.

A segunda hipótese (**H<sub>2</sub>**) postulou a existência de uma associação positiva entre os níveis de crenças de confiança interpessoal nos pares e os níveis totais comportamentos pró-sociais relativamente ao género, atendendo à investigação prévia que considerava a confiança interpessoal como um antecedente significativo dos comportamentos orientados para o outro (Malti *et al.*, 2016), promovendo-os através de crenças potenciadoras de

comportamentos pró-sociais, designadamente através de expectativas positivas dos outros relativamente ao cumprimento de promessas, à manutenção da confidencialidade e honestidade e à adoção de comportamentos pró-sociais (Rotenberg, 2010<sub>a</sub>).

As crenças de confiança interpessoal nos pares diferiram em função do sexo, tendo as raparigas demonstrado níveis mais elevados de confiança interpessoal do que os rapazes, que se associa a maior cooperação com os pares e ao envolvimento em comportamentos de ajuda (Rotenberg *et al.*, 2005).

Deste modo, foi possível verificar uma correlação significativa entre as crenças de confiança interpessoal nos pares e os comportamentos pró-sociais entre os sujeitos do sexo feminino ( $r=.23$ ,  $p =.03$ ), que não se verificou entre os sujeitos do sexo masculino ( $r=.03$ ,  $p =.72$ ).

Estes dados permitem concluir que as raparigas revelam maior confiança nos pares, que se associa a uma maior probabilidade de comportamentos pró-sociais, confirmando, assim, os resultados de estudos prévios (Rotenberg *et al.*, 2005).

A *terceira Hipótese (H<sub>3</sub>)* postulou uma associação positiva entre os níveis totais de empatia e de comportamentos pró-sociais em função do género. Apesar dos comportamentos *pró-sociais* se tornarem relativamente estáveis no final da infância, durante a adolescência média (14-16 anos) os indivíduos tendem a diminuir os níveis de empatia e de comportamento pró-social, embora se verifique um restabelecimento desses comportamentos em idades tardias (Auné e colaboradores, 2014; Gaspar, 2014). A empatia é considerada como o principal antecedente/preditor do comportamento pró-social, devido às suas características de compreensão do outro e preocupação com o próximo, tendendo os adolescentes menos empáticos a vivenciar maior instabilidade emocional e problemas de comportamento (Escrivá, García &

Navarro, 2002; Mestre e colaboradores, 2007).

Após análise dos dados verificou-se, através do cálculo do coeficiente de *correlação de Pearson*, uma associação significativa entre a empatia e os comportamentos pró-sociais entre os sujeitos do sexo feminino ( $r = .29, p = .00$ ) e do sexo masculino ( $r = .23, p = .02$ ). Este resultado permitiu concluir que os rapazes e as raparigas mais empático(a)s apresentam uma maior probabilidade de exibir comportamentos pró-sociais, indo ao encontro da investigação prévia (Rotenberg *et al.*, 2005).

Na última e *quarta Hipótese (H<sub>4</sub>)* testou-se o papel preditor da *empatia* e das crenças de *confiança interpessoal* nos pares relativamente aos comportamentos pró-sociais em função do sexo.

Os resultados permitiram concluir que a empatia prediz os comportamentos pró-sociais ( $\beta=0,391;t=2,373;p=0,019$ ), o mesmo não se verificando relativamente às crenças de confiança interpessoal nos pares ( $\beta=-0,064;t=- 0,374;p=0,709$ ). No entanto, a análise do modelo permitiu verificar que a empatia e as crenças de confiança interpessoal explicam 18% do comportamento pró-social (Rotenberg *et al.*, 2005; Rotenberg, 2010<sub>a</sub>; Marques, 2014).

## VI - Conclusões

Esta investigação pretendeu verificar algumas associações entre a variável sociobiográfica sexo, o comportamento *Pró-Social*, a *Empatia* e as crenças de *Confiança Interpessoal* nos pares.

Atendendo aos resultados obtidos, pode-se concluir que os adolescentes com maiores níveis de empatia revelam maiores níveis de comportamento pró-social. Verificou-se igualmente diferenças significativas entre o sexo masculino e feminino

relativamente ao comportamento pró-social, sendo mais frequente entre os sujeitos do sexo feminino. Além disso, os níveis totais de comportamento pró-social e de empatia foram mais elevados entre as raparigas, que revelaram níveis mais elevados do que os rapazes, além de se terem revelado mais altruístas, cooperativas e empáticas do que os rapazes. Em relação às crenças de confiança interpessoal nos pares, também se verificou diferenças em função do sexo, tendo as raparigas revelado mais confiança nos pares e, como consequência, exibindo mais comportamentos pró-sociais.

Em relação ao objetivo principal desta investigação, relacionado com o papel preditor da empatia e das crenças de confiança interpessoal nos pares relativamente aos comportamentos pró-sociais, foi possível confirmar e reforçar parcialmente os resultados da investigação prévia: os adolescentes mais empáticos e com crenças mais elevadas de confiança interpessoal exibem mais comportamentos pró-sociais, que se reflecte em comportamentos mais cooperativos, altruístas e amáveis. Uma vez que os comportamentos pró-sociais são de extrema importância para a construção e manutenção da sociedade, é pertinente continuar a investir em programas de intervenção que visem a implementação daqueles comportamentos, atendendo aos benefícios que acarretam para os sujeitos e, conseqüentemente, para a sociedade.

Em relação às limitações da presente investigação, sublinha-se a metodologia de recolha dos dados, que impôs a utilização de grupos demasiado extensos, impedindo um suporte mais personalizado dos adolescentes no preenchimento dos questionários.

Outra limitação prendeu-se com a extensão do questionário das crenças de confiança interpessoal, tendo gerado diversas dúvidas sobre o conteúdo das perguntas e alguns constrangimentos de tempo no seu preenchimento, que geraram alguma precipitação e ansiedade junto dos alunos, assim como fadiga, o que poderá ter enviesado os resultados.

É importante ter em consideração estudos futuros que contemplem outras variáveis - tais como a estrutura familiar e o seu nível socioeconómico - além de outras variáveis relativas ao

comportamento pró-social.

No presente estudo, embora se tenha recolhido diversos dados sociobiográficos (tais como idade e escolaridade) só foi possível analisar a variável sexo.

Estudos futuros poderão proceder ao levantamento de outros dados, desde que seja possível proceder a recolhas faseadas que previnam o cansaço dos alunos e facultem mais informação para o processamento dos dados.

Para o futuro sugere-se a prossecução da adaptação Portuguesa da *escala de comportamento pró-social*, atendendo a que este estudo - piloto revelou resultados bastante significativos e níveis aceitáveis de fiabilidade (Alfa de Cronbach de 0,68 - Aceitável).

Este estudo procurou contribuir para a compreensão do papel do comportamento pró-social no desenvolvimento pessoal dos adolescentes, recomendando-se futuras investigações sobre esta temática, assim como o desenvolvimento de projectos de treino de comportamentos pró-sociais dirigidos à infância e adolescência.

As comunidades têm um papel importante na partilha e troca de recursos, mediante a cooperação, ajuda e amabilidade, que desempenham um papel pertinente na qualidade de vida e promovem o sentido de responsabilidade para com os outros. Com efeito, a pró-sociabilidade pode ser treinada/ensinada através de experiências planeadas que envolvam a entreaajuda e cooperação. A educação pró-social deve ser dirigida a alvos pré-determinados e intencionais, designadamente junto dos menos favorecidos. A educação com objetivos pró-sociais pode ser implementada nos mais variados contextos dos relacionamentos humanos, como na escola ou outras instituições e na rua (Koller, S. 1997).

## Bibliografia

- Aknin, L. B., Van de Vondervoort, J. W., & Hamlin, J. K. (2018). Positive Feelings Reward and Promote Prosocial Behavior. *Current Opinion in Psychology*, 2055-59. doi:10.1016/j.copsyc.2017.08.017
- Aguirre Dávila, E. (2015). Práticas de criação, temperamento e comportamento prosocial de estudantes de educação básica. *Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, Niñez y Juventud*, 13(1).
- Auné, S. E., Blum, D., Abal, F. J. P., Lozzia, G. S., & Attorresi, H. F. (2014). La conducta prosocial: Estado actual de la investigación. *Perspectivas en Psicología*, 11(2), 21-33.
- Bell, V. (2016). Prosocial Behaviour. *Centre of Excellence for Early Childhood Development*, 4.
- Benita, M., Levkovitz, T., & Roth, G. (2017). Integrative Emotion Regulation Predicts Adolescents' Prosocial Behavior Through the Mediation of Empathy. *Learning and Instruction*, 501420 .doi:10.1016/j.learninstruc.2016.11.004
- Bierhoff, H. W. (2005). Prosocial behaviour. *Psychology Press*.
- Cáceda, R., Moskovciak, T., Prendes Alvarez, S., Wojas, J., Engel, A., Wilker, S. H., Gamboa, J. L., & Stowe, Z. N. (2014). Gender-specific effects of depression and suicidal ideation in prosocial behaviors. *Plos One*, 9(9), e108733. doi:10.1371/ journal.pone.0108733
- Caprara, G. V., & Barbaranelli, C. (2000). Prosocial Foundations of Children's Academic Achievement. *Psychological Science* (0956-7976), 11(4), 302.
- Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (1993). Early emotional instability, prosocial behaviour, and aggression: Some

- methodological aspects. *European Journal of personality*, 7(1), 19-36.
- Caprara, G. V., & Steca, P. (2005). Affective and social self-regulatory efficacy beliefs as determinants of positive thinking and happiness. *European Psychologist*, 10(4), 275.
- Caprara, G. V., Steca, P., Zelli, A., & Capanna, C. (2005). A new scale for measuring adults' prosocialness. *European Journal of Psychological Assessment*, 21(2), 77-89.
- Cecconello, A. M., & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de psicologia (Natal)*. Vol. 5, n. 1 (jan./jun. 2000), p. 71-93.
- Correia, M. D. J., & Alves, M. J. (1990). Gravidez na adolescência: O nascimento de uma consulta e de um programa de intervenção. *Análise Psicológica*, 8, 429-434.
- Costa, C. D. (2016). *Confiança interpessoal e problemas de comportamento na adolescência*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- Cretendio Pajares, R., Aznar-Farias, M., Marcassa Tucci, A., & Ramacciotti de Oliveira-Monteiro, N. (2015). Comportamento prossocial em adolescentes estudantes: uso de um programa de intervenção breve. *Temas em Psicologia*, 23(2).
- Cunha, I. I. B. (2016). *Confiança interpessoal e empatia durante a adolescência – estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação,



Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.

- Dell'Aglio, D. D., Koller, S. H., & Yunes, M. A. M. (2006). Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do risco à proteção. São Paulo: *Casa do Psicólogo*.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). Sistema multimídia de habilidades sociais para crianças. *Casa do Psicólogo*: São Paulo, Brazil.
- Dovio, J. F., Piliavin, J. A., Schroeder, D. A., & Penner, L. A. (2006). The Social psychology of prosocial behavior. New York: *Lawrence Earlbaum*
- Eisenberg, N., Fabes, R., & Spinard, L. (2006). *Prosocial Development*. En W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.) Handbook of child psychology, 6a Ed., Vol. 3. Social, Emotional and Personality Development (pp. 646-718). New Jersey: Wiley. Inc.
- Escrivá, M. V. M., Garcia, P. S., & Navarro, M. D. F. (2002). Procesos cognitivos y emocionales predictores de la conducta prosocial y agresiva: La empatía como factor modulador. *Psicothema*, 14(2), 227-232. Recuperado de <http://www.psicothema.com/pdf/713.pdf>
- Farrant, B.M., Devine, T.A.J., Maybery, M. T., & Fletcher, J. (2012). Empathy, perspective taking and prosocial behavior: the importance of parenting practice. *Infant and Child Development*, 21, 175-188. Doi: 10.1001/icd.740
- Fernandes, A. O., & de Oliveira Monteiro, N. R. (2017). Comportamentos Pró-Sociais de Adolescentes em Acolhimento Institucional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 33(1).

- Ferronha, J., Almeida, A., Oliveira, L., de Sousa, J. T., & Sousa, V. (2016). Estudo da vinculação e da empatia em adolescentes institucionalizados com acompanhamento psicológico no PIAC (Plano Integrado de Apoio à Comunidade). *International Journal of Developmental and Educational Psychology (Revista INFAD de Psicología)*, 1(1), 327-338.
- Findlay, L. C., Girardi, A., & Coplan, R. J. (2006). Links between empathy, social behavior, and social understanding in early childhood. *Early Childhood Research Quarterly*, 21(3), 347-359.
- Fogaça Saud, L., & de Freitas Tonelotto, J. M. (2005). Comportamento social na escola: diferenças entre gênero e séries. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1).
- Gaspar, A. D. (2014). Neurobiologia e psicologia da empatia: Pontos de partida para a investigação e intervenção da promoção da empatia. *Povos e Culturas*, 01, 27-42.
- Girard, L. C., Pingault, J. B., Doyle, O., Falissard, B., & Tremblay, R. E. (2017). Expressive language and prosocial behaviour in early childhood: Longitudinal associations in the UK Millennium Cohort Study. *European Journal of Developmental Psychology*, 14(4), 381-398.
- González, J. J. Z., Cuéllar, A. I., Miguel, J. M. T., & Desfilis, E. S. (2009). El desarrollo de la identidad en la adolescencia y adultez emergente: Una comparación de la identidad global frente a la identidad en dominios específicos. *Anales de Psicología*, 25(2), 316-329. Recuperado de <http://www.redalyc.org/pdf/167/16712958014.pdf>

- Hoffman, M. L. (1963). Parent discipline and the child's consideration for others. *Child Development*, 34,573-588.
- Hoffman, M. L. (2002). *Desarrollo Moral y Empatía: implicaciones para la atención y la justicia*. Barcelona: *Idea Books*.
- Jevtić, B., & Jovanović, M. (2017). School Indicators of Encouraging Humanistic Education of Adolescents. *Teme*, 587-606.
- Jolliffe, D., & Farrington, D. P. (2006). Development and validation of the Basic Empathy Scale. *Journal of adolescence*, 29(4), 589-611.
- Koller, S. H., & Bernardes, N. M. (1997). Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudos de Psicologia*, 2(2).
- Koller, S. H. (1997). Educação para pró-sociabilidade: uma lição de cidadania? *Paidéia (Ribeirão Preto)*, (12-13), 39-50.
- Lewis, J. D., & Weigert, A. (1985). Trust as a social reality. *Social forces*, 63(4), 967-985.
- Machado, M. D. C. S. (2016). *Adolescentes*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Malti, T., Averdijk, M., Zuffianò, A., Ribeaud, D., Betts, L., Rotenberg, K., Eisner, M. (2016). Children's Trust and the Development of Prosocial Behavior. *International Journal of Behavioral Development*, 40, 262-270.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recursos ao IBM SPSS: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios Edições.
- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Report Number, Lda.

- Marques, C. A. L. (2014). *Confiança interpessoal, aceitação-rejeição parental e solidão na adolescência*. In *Confiança interpessoal, aceitação-rejeição parental e solidão na adolescência*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- McAllister, D. J. (1995). Affect-and cognition-based trust as foundations for interpersonal cooperation in organizations. *Academy of management journal*, 38(1), 24-59.
- Mestre, M. V., Tur, A., Samper, P., Nácher, M. J., & Cortés, M. T. (2007). Estilos de Crianza en la Adolescencia y su Relación con el Comportamiento Prosocial. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 39(2), 211-225.
- Park, S., & Shin, J. (2017). The Influence of Anonymous Peers on Prosocial Behavior. *Plos One*, 12(10), 1-21. doi:10.1371/journal.pone.0185521
- Pastorelli, C., Barbaranelli, C., Cermak, I., Rozsa, S., & Caprara, G. V. (1997). Measuring emotional instability, prosocial behavior and aggression in pre-adolescents: a cross-national study. *Personality and Individual Differences*, 23(4), 691-703.
- Patrício, T., & Pereira, A. (2016). *SPSS–Guia Prático de Utilização, Análise de Dados para as Ciências Sociais e Psicologia* (8.ª Edição). Lisboa: Edições Silabo.
- Patrick, R. B., & Gibbs, J. C. (2007). Parental expression of disappointment: should it be a factor in Hoffman's model of parental discipline. *The Journal of Genetic Psychology*, 168(2), 131-145.

- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do spss*. Edições Sílabo
- Poletto, M., Koller, S. H., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre. *Ciência & Saúde coletiva*, 14(2), 455-466. doi: 10.1590/S1413-81232009000200014
- Randall, R. N., Rotenberg, K. J., Totenhagen, C. J., Rock, M., & Harmon, C. (2010). A new scale for the assessment of adolescent's trust beliefs. In K. J. Rotenberg (Eds.). *Interpersonal trust during childhood and adolescence*. (pp. 247-269). *University of Keele: Cambridge University Press*.
- Remédios, C. I. F. R. N. (2010). *O bem-estar psicológico e as competências pessoais e sociais na adolescência* (Doctoral dissertation).
- Rempel, J. K., Holmes, J. G. & Zanna, M. P. (1985). Trust in close relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49 (1), 95-112.
- Reymond, R. B. (1995) - *O Desenvolvimento Social da Criança e do Adolescente*. Lisboa: Editorial Aster.
- Roberts, W., Strayer, J., & Denham, S. (2014). Empathy, Anger, Guilt: Emotions and Prosocial Behaviour. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 46(4), 465.
- Roche, O. R. (2007). Desarrollo de la inteligencia emocional y social desde los valores y actitudes prosociales em la escuela. *Buenos Aires: Ciudad Nueva*.

- Roche, O. R. (2010). *Prosocialidad nuevos desafios: Métodos y pautas para la optimización creativa del entorno. Buenos Aires: Ciudad Nueva.*
- Rotenberg, K. (2010a). Introduction. In K. Rotenberg (Coord.), *Interpersonal trust during childhood and adolescence* (pp.3-7). *New York: Cambridge University Press.*
- Rotenberg, K. J., Fox, C., Green, S., Ruderman, L., Slater, K., Stevens, K., & Carlo, G. (2005). Construction and validation of a children's interpersonal trust belief scale. *British Journal of Developmental Psychology, 23*(2), 271-293.
- Rotter, J. (1971). Generalized expectancies for interpersonal trust. *American Psychologist, 26*, 443-452.
- Rotter, J. (1980). Interpersonal trust, trustworthiness, and gullibility. *American Psychologist, 35*, 1-7.
- Sampaio, L. R., Camino, C. P. D. S., & Roazzi, A. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: ciência e profissão, 29*(2), 212-227.
- Sampaio, I. S. B. (2017). *Confiança Interpessoal e auto-conceito: estudo da sua relação numa amostra de adolescentes do 2º e 3º ciclo*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.
- Santos, A. R. S. (2014). *Aceitação-Rejeição Parental e Confiança Interpessoal nas Relações Íntimas*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, Faculdade de

Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, Portugal.

- Sapienza, G. (2006). *Comportamento pró-social, práticas educativas parentais e rendimento acadêmico do adolescente* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Paulo.
- Saraiva, M., & Albuquerque, P. B. (2015). Influência da idade, desejabilidade social e memória na sugestibilidade infantil. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(2).
- Senna, S. R. C. M., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28 (1), 101-108. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>
- Simpson, J. (2007). Psychological Foundation of trust. *Association for Psychological Science*, 16, 264-268.
- Spinrad, T. I., & Gal, D. E. (2018). Fostering prosocial behavior and empathy in young children. *Current opinion in psychology*, 2040-44.doi:10.1016/j.copsyc.2017.08.004
- Steca, P. (2007). Prosocial agency: the contribution of values and self-efficacy beliefs to prosocial behavior across ages. *Journal of social and clinical psychology*, 26(2), 218.
- Vale-Dias, M. L. & Franco-Borges, G. (2014). Adaptação portuguesa de Generalized Trust Beliefs-Late Adolescents. Documento não publicado.
- Van Der Graaff, J., Carlo, G., Crocetti, E., Koot, H. M., & Branje, S. (2017). Prosocial Behavior in Adolescence: Gender Differences in Development and Links With Empathy. *Journal of Youth and Adolescence*, doi:10.1007/s10964-017-0786-1

- Wilson, J. M., & Carroll, J. L. (1991). Children's trustworthiness: Judgments by teachers, parents, and peers. In *Children's Interpersonal Trust* (pp. 100-117). *Springer, New York, NY.*
- Zacarías Salinas, X., Aguilar Villalobos, E. J., & Andrade Palos, P. (2017). Efectos de las Prácticas Parentales en la Empatía y la Conducta Prosocial de Preadolescentes. *Informes Psicológicos, 17* (1), 71-86.



## **Anexos**

**Anexo I:** Consentimento Informado

**Anexo II:** Pedido de Autorização à escola

**Anexo III:** *Questionário Sociobiográfico*

**Anexo IV:** *Escala de Comportamentos Pró-Sociais* - Pastorelli, C., Barbaranelli, C., Cermak, I., Rozsa, S., & Caprara, G. V. (1997).

**Anexo V:** *Escala de Empatia Básica – BES* (Nobre-Lima, Rijo, & Matias, 2011) – adaptação portuguesa do Formulário de Dados Pessoais de Rohner (2008)

**Anexo VI:** *Escala de Crenças Generalizadas de Confiança para Adolescentes – CGC* (Vale-Dias & Franco – Borges, 2014) – adaptação portuguesa da Generalized Trust Beliefs